

“A Escola é ir ao recreio”

Paula Pina

“A Escola é ir ao recreio”

Ana Madalena (6 anos)

In *Cancioneiro Infanto-Juvenil*
para a *Língua Portuguesa*. Vols. X/XI,
p. 84

RESUMO:

É ponto assente entre os especialistas, afirmou Koïchiro Matsuura, Director-Geral da UNESCO, que “a educação artística abrange as esferas da aprendizagem cognitiva e emocional e que tem um papel a desempenhar em áreas tão diversas como o desenvolvimento infantil, as novas pedagogias e métodos de ensino, o desenvolvimento social e económico, o desenvolvimento sustentável, a capacidade de educação de conflitos e a educação para a paz, bem como a diversidade cultural. Além disso, muitas sociedades contemporâneas estão a ter seriamente em consideração um dos maiores desafios do nosso tempo: como preparar a mudança paradigmática de uma economia industrial para uma economia criativa.”

Mas o que dizem os pequenos “especialistas”, aqueles que frequentam a escola, aqueles a quem a escola é ou deveria ser supostamente dirigida? Continuamos sem dizer nada e não reparamos que mesmo ao nosso lado temos quem nos diga tudo, numa absoluta depuração, em essencialidade efectiva e afectiva, científica, biológica, artística, numa condensação límpida de frases que, de vez em quando, nos lembramos de registar. O mundo passa por nós sem darmos por ele, a não ser que pensemos nalguma forma de pensar sobre ele. Mas as crianças fazem-no constantemente.

Se hoje é indiscutível que “fazer arte” é um acto de inteligência e se pensar acerca da arte e criar arte são considerados comportamentos inteligentes, não se pode justificar a presença da arte nas escolas com base em argumentos meramente instrumentais. Se é um facto que as artes têm os seus próprios sistemas que envolvem processamentos cognitivos, então temos

de falar em muito mais do que em “artes na educação”, mais do que em “educação artística”, “artes integradas”, “educação pela arte” ou “educação interdisciplinar”. Se a arte nas escolas não é “formar pequenos artistas”, nem ensinar outros assuntos recorrendo a processos ou instrumentos “artísticos”, a questão que se nos coloca actualmente não é “como integrar as artes”, “como misturá-las com outras disciplinas”, mas sim como pensar as artes como parte integrante da essência, do âmago do curriculum. Como tornar as ferramentas, mecanismos, processos, poderes das artes disponíveis para que todos a elas recorram para compreenderem os seus mundos? Isto significa que teremos de encarar as artes na escola sobretudo como modos de pensar.

Partindo da análise de reflexões, definições, observações, textos e poemas de crianças, talvez possamos repensar e redefinir o papel da escola no contexto social e económico do século XXI. Para que o melhor da escola não seja só “ir ao recreio”. Para que na sala de aula mais se valorize o que no recreio se faz e o que no recreio, recre(i)ando-se, se aprende.